



Durante as nossas aulas estudamos alguns textos que nos levaram a questionamentos. Vamos ler a história a seguir e responder as questões?

Aqui ninguém tem apelido?

[...]

[A professora] pediu que um a um todos disséssemos nossos nomes. Prestou atenção ao nome de cada um, como se aquilo fosse mais importante que todos os boatos sobre nossa classe espalhados na escola inteira.

[...]

Todos falamos nossos nomes.

Dona Furquim pegou um pedaço de giz, fez assim com a cabeça, disse:

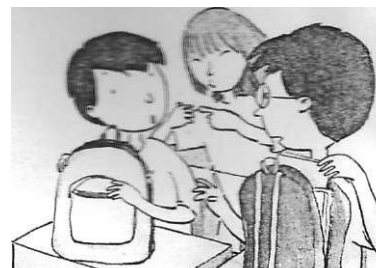
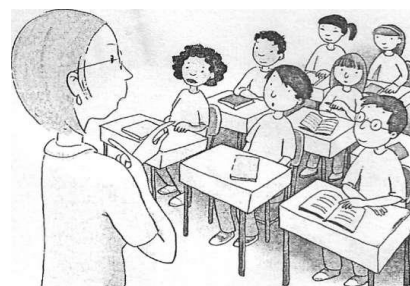
— Engraçado. Aqui ninguém tem apelido?

Ah, essa foi demais. O pessoal caiu na maior gargalhada. Na classe, o único que não tinha apelido era o Fragoroso Neto, o nome dele era esse mesmo. O pai dele tinha posto esse nome nele, e com um nome desses quem vai querer apelido? A gente costumava chamar o Fragoroso de Neto. Neto daqui, Neto dali. Era mais fácil de falar, principalmente no campo, quando a gente estava jogando bola. Se a gente fosse dizer — Fragoroso, solta logo essa bola! —, o adversário teria tempo de chegar e desarmar o Neto. [...]

Quando a classe parou de rir, dona Furquim tinha acabado de escrever o nome dela na lousa, com letras médias e claras. Furquim, que nome engraçado. [...] Tinha jeito de apelido e ao mesmo tempo assentava como um acento circunflexo na fama que dona Furquim trazia atrás de si: que ela era a exigência em pessoa.

[...]

Foi no finzinho da aula, um pouco antes de tocar o sinal, a gente já estava guardando os badulaques, que dona Furquim deu o principal recado e passou a receita de seu modo de ser. Ela falou, com a maior calma:



— Muito bem. Vocês vão me fazer uma tarefa em casa.

Tarefa no primeiro dia de aula? Não houve um que não perdesse o rebolado. Nossa classe era mista. A mais sabichona da classe, a que trazia tudo limpinho no caderno e na ponta da língua, era, sempre foi, a Maria Clara de Ovo. Pois até a Maria Clara de Ovo foi pega de surpresa. Deixou cair o tampo da carteira no dedo, ficou assoprando. Dona Furquim era toda mansidão:

— A partir de hoje, em todas as aulas, vocês me tragam um pequeno texto livre. Uma história qualquer que tenha acontecido no dia a dia. Dez linhas. Não é necessário mais que dez linhas. Entenderam?

A classe inteira ficou encarando dona Furquim como se ela fosse a mulher-maravilha. Será que dona Furquim estava caçoando da gente?

— Dez linhas do quê, professora?

Dona Furquim estava acabando de apanhar os livros de cima da mesa. Virou-se e repetiu como se estivesse dizendo algo que nós devíamos saber de cor:

— Vamos contar por escrito as coisas que acontecem todos os dias. O cotidiano de cada um. Mesmo que pareça um fato sem importância. Façam de conta que é uma brincadeira. Em casa, vocês arranjam um tempinho, passem para o papel um pouco da vida. Tanta coisa, não é mesmo? Sempre acontece tanta coisa na vida da gente!

Assentar: ajustar, servir.

Badulaque: quinquilharia, coisa sem valor.

Mansidão: paciência, sossego.

Perder o rebolado: (expressão) decepcionar-se, ficar chateado.

Sabichão: sabe-tudo, pessoa que gosta de mostrar que é sabida.

*O empinador de estrela. São Paulo:
Moderna, 1984.*

Estudo do texto

1- Quem é o narrador da história? **Um aluno.**

2- Como é a fama da professora, dona Furquim?

Porque todos tinham um apelido.

3- Por que a classe riu quando a professora perguntou se ali ninguém tinha apelido?

Porque todos tinham um apelido.

4- Como se chamava o único aluno que não tinha apelido na turma?

Fragoso Neto.

5- Qual foi a tarefa que a professora, Dona Furquim, deixou para a turma?

Escrever 10 linhas sobre os acontecimentos da vida de cada um.

6- Como se chamava a sabichona da classe e como ela é descrita pelo autor?

Maria Clara de Ovo. A mais sabichona da classe, a que trazia tudo limpinho no caderno e na ponta da língua.

7- Você acha que as pessoas gostam de ser chamadas por apelidos? Justifique.

(Pessoal)

8- Numere as frases de acordo com a sequência ocorrida na história.

(5) Vocês me tragam um pequeno texto livre.

(4) A mais sabichona da classe, a que trazia tudo limpinho no caderno e na ponta da língua.

(1) O pessoal caiu na gargalhada. Na classe, quem não tinha apelido era o Fragoroso Neto.

(6) Não é necessário mais que 10 linhas.

(3) Um pouco antes de tocar o sinal, a gente já estava guardando os badulaques.

(7) A classe inteira ficou encarando dona Furquim como se ela fosse a mulher-maravilha.

(2) Dona Furquim tinha acabado de escrever o nome dela na lousa, com letras médias e claras.

Você é muito especial!!!

Beijinhos!!!

Tias Estefânia e Marília.